

AÇÃO DIRETA

QUINZENÁRIO ANARQUISTA

Diretor: Prof. SERAFIM PORTO

Administrador: MANOEL PERES

ANO II

Rio de Janeiro — Quinta-feira, 12 de Fevereiro de 1948

Preço: Cr\$ 0,50

N.º 44

"Ação Direta" no Index

A moral do Estado

Por GERMINAL

Figuras do Anarquismo



MAURO BAJATIERRA

Já não era mais possível resistir. Lutava-se contra as forças do fascismo internacional, com a cumplicidade premeditada e calculada, das chamadas grandes potências. Aquela resistência heroica de três anos, ali tinha de ser interrompida, para se não interromper a luta que continuaria. Cederam, enfim, os bravos milicianos, às hordas franquistas.

Arrogantes, repelentes, com o ódio e a vingança estampados no semblante, já se supõem senhores da cidade heroica, hediondos autômatos, matilha que o caçador agulha contra a presa, e que se contenta com lambê-lo o sangue, enquanto ao senhor deixa a parte melhor.

Não, para atrás cães! Ainda há um anarquista em Madrid! Mauro Bajaterra que até ali estivera entregue ao serviço de correspondente de guerra, de alfabetização nas trincheiras, de propaganda, não havia seguido os companheiros. Estava velho e talvez não viesse a ter outra oportunidade de avistar-se com os fascistas e mostrar-lhes o peso da hercúlea e nobre personalidade.

Não, para atrás cães! Ainda há um anarquista em Madrid! E de sua casa, último reduto da heroica resistência, enquanto houve bala, enquanto houve pólvora, fez sentir aos torpes fascistas quanto é grande, a alma do lidador que sente correr-lhe pelas veias confundindo-se com o próprio sangue, anseios de liberdade!

Cessada a resistência, investiram os fascistas. Com a última bala que para si reservara, havia pintado o quadro trágico, que ali estava: Corpo de gigante, mãos e rosto enegrecidos da pólvora, deitado em vasto lençol de sangue.

Assim se foi Mauro Bajaterra, figura que se tornou popular por sua intensa atividade na luta sindical, por suas constantes intervenções nas greves e movimentos populares.

Orador vibrante, sólida cultura, muito trabalhou em favor das idéias, defundindo-as pela palavra escrita e pela palavra falada.

Encarcerado muitas vezes, outras perseguido e exilado, correu meia Europa e teve de atirar-se a diversos ofícios, para não sucumbir.

Glória da C.N.T. e do anarquismo, se te choramos a morte, não nos apiedamos todavia de ti, porque te respeitamos as palavras gravadas em "Fora da Lei!". — Não, não te compadeças de mim; compaixão merecem os resignados; os que, rotas as suas asas ou privados delas para voarem, são forçados a submeterem-se.

Devemos aprender a distinguir nossa moral dessa pseudo-moral, nossa vontade própria dessa pseudo-vontade.

O fato de ter a maioria perdido seu próprio eu facilita ao Estado e à Igreja assegurarem seu domínio, mas, par isso mesmo, põem o indivíduo numa situação grave de insegurança e dependência, tornando-o indivíduo submisso, pronto a obedecer aos que lhe ofereçam falsas garantias.

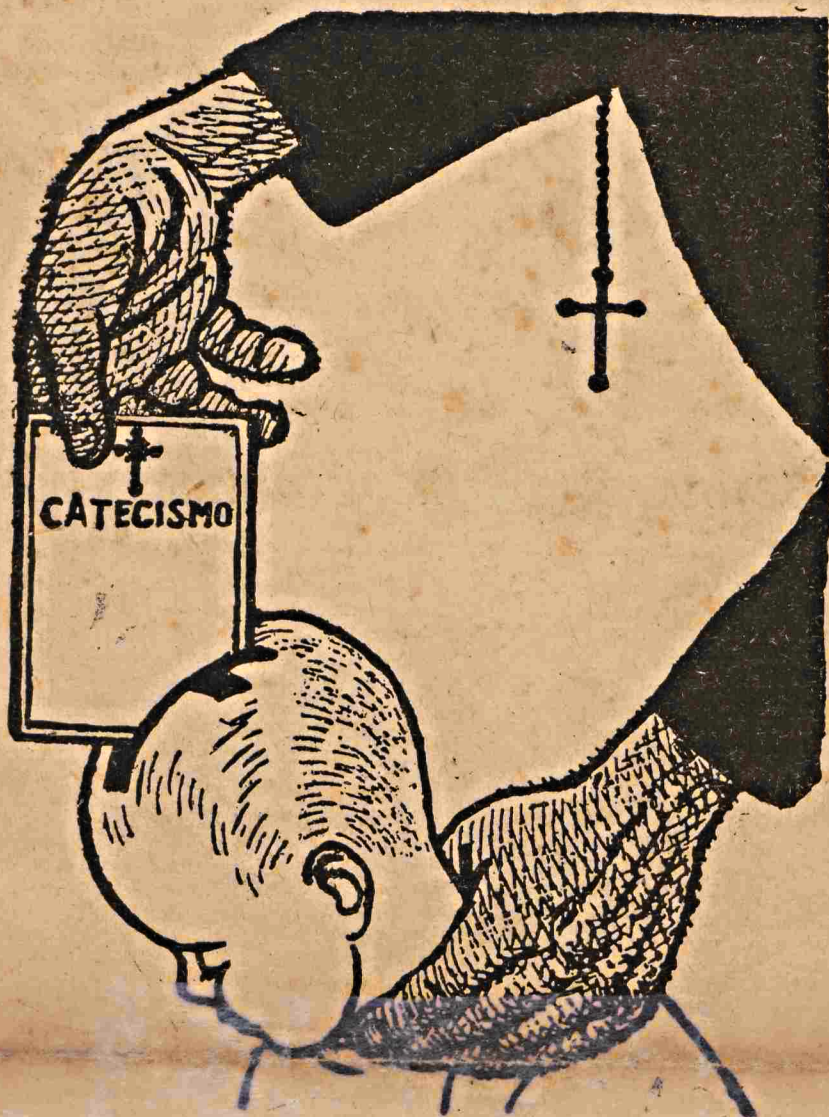
Ora, o indivíduo que perde a vontade é como se perdesse sua sombra. E' vitrola ou coisa parecida; vai tocando os discos que os moralistas, isto é, a autoridade, gostam de ouvir.

Temos de furar esses balões mentirosos.

A mitologia cristã põe no princípio da história humana a desobediência do homem contra a ordem de Deus que lhe proibiu comer os frutos da árvore do conhecimento.

Para a Igreja, foi isso pecado mortal. Para nós, significa um ato de libertação do homem. Significa ter-se o homem inconsciente erguido à altura de homem consciente. Por um ato de desobediência à suprema autoridade que o queria ignorante, praticou o homem a primeira ação direta para libertação própria.

A desobediência como ato de libertação é o começo da liberdade positiva.



Entre nós, há hoje duas forças das poderosas: o Banco do Brasil e a Companhia de Jesus, às vezes degladiando-se, nos sórdidos baixos-fundos do mundo de negócios escuros, na disputa de vis interesses mercantilistas, mas logo dando-se, de novo, as mãos, para, juntas, amordaçarem e sanguessugarem a presa comum: o povo que luta e moureja. Houve tempo, nos fins do século passado e começos do presente, em que, como consequência dos tremendos ataques vibrados contra as mentiras religiosas, o Estado respirou um pouco de racionalismo salutar. Não tardou, porém, a reconhecer que a religião é o ópio do povo, sem o qual nenhum Estado poderia refrear a "bêsta popular". Logo vieram, então, os governos fortes, ou fascistas, e com eles ressurgiu em toda a sua pujança anterior, a Igreja, com a sua ação embrutecedora, patrocinada pelo Estado e o capitalismo. E hoje, aí temos, por isso, novamente, em toda a sua prepotência, a clericalinha, ameaçando-nos, como ainda agora verificamos pelo recorte de um jornal católico que nos veio de Porto Alegre, no qual, entre outros jornais incluídos no Index, está (que honra para nós!) "Ação Direta".

A Igreja não permite que o povo leia outra imprensa que não seja a sua. E' o que significa a inclusão do nosso jornalzinho, na lista de publicações proibidas. A Igreja teme o livre exame, embora nos fale constantemente, pela boca de seus padres-mestres,

em livre-arbítrio. Não é de hoje: a Igreja temeu sempre a livre discussão das doutrinas. Por isso proibiu sempre a leitura da própria Bíblia e das obras de todos os pensadores que não comungam com as rodas-de-moinho do Vaticano. Por isso exige do seu rebanho que leia apenas a Cartilha de Sto. Inácio. Noutros tempos, a Igreja usava, para curar as "maleitas" da incredulidade, um remédio muito mais heróico: a purificação, ou seja, a salvação da alma pelo esquartejamento ou incineração do corpo do hereje. Hoje, porém, os tempos mudaram um pouco, e a Igreja, ainda que através agora uma nova fase dourada (esperamos que curta!) da sua história, não se atreve a reacender os queimadinhos da Santa Inquisição.

Que diferença entre nós e a Igreja! Enquanto ela, grande esteio dos tiranos, proíbe o seu panúrgico rebanho de pensar fora dos seus cânones, forçando todos os seus adeptos a pensarem pela Cartilha de Sto. Inácio, nós procedemos de modo contrário: aconselhamos todos, crentes e descrentes, a que leiam tudo, começando pela própria Bíblia, fazendo o confronto com os dados da Ciência, para que verifiquem a santa estupidez de que estão recheadas as páginas dos Livros Sagrados e para que examinem como os padres, novos fariseus de roupeta, atraíam as boas máximas de Cristo, nos Evangelhos!

Gorou o Movimento Renovador?

Ainda não eram firmes os passos da cassação dos mandatos, se bem que a nós já não restassem ilusões, pois a História está cansada de ensinar qual a consistência dos parlamentos, e reunia-se em sessão instaladora o Movimento Renovador.

Não era mais aquele Movimento Renovador da U.D.N., senão outro que por tornar-se mais amplo, procurava romper dela, os já turvos limites.

Lá estavam a constituir a mesa, Carlos de Lacerda, Lucio Cardoso, Sobral Pinto, Amoroso Lima, Mário Pedrosa, Hilcar Leite, e outros cujos nomes não nos ocorrem no momento.

A sessão que esteve interessante e em certa fase acalorada por mal entendido provocado por um deputado presente ao ato, parecia que se propunha, com decisão firme, lançar um jato de luz de liberdade, nessa negra e franca tendência totalitária.

Lutaria contra qualquer totalitarismo viesse de onde viesse, fosse em que nome fosse!

Diríamos, em virtude dos princípios que ali se pregavam, que a maioria dos componentes da mesa, era constituída de libertários. Na exposição deles, o Estado, quando aparecia, aparecia como luz mortícia de existência precária. Era preciso libertar os sindicatos do intruso e policial Ministério do Trabalho, afirmava-se, porque com sindicatos acorrentados não pode haver democracia! Aconselhava-se que se não pagasse mais aos Institutos falidos, que não têm com que amparar os seus associados com tendência a sobrecarregá-los ainda mais. Lembra-se a fundação de cooperativas como meio imediato de por termo à ganância do comércio, contra a qual não se podem esperar medidas governamentais. Ia-se até os detalhes mais importantes como o de lembrar que a um

liberal corria o dever moral de o ser em todas as suas atividades e manifestações: em casa com a família; no trabalho com os companheiros, com os subordinados ou com os chefes; nas horas de folga com quantos entrasse em contato!

O sr. Amoroso Lima, ao fazer uso da palavra, entre outras coisas disse mais ou menos: Muitos podem estar a supor que este é mais um movimento fadado ao fracasso. Alguns discursos, uma sessão e acabou-se...

Ora, se acabou ou não acabou, não sabemos. Mas a verdade é que até agora esses ilustres liberais estão como o rato que sentindo a presença do gato, não ousa por a cabeça de fora.

O Mário Pedrosa sabemos estar na Europa. E os outros? Que é do compromisso público assumido espontaneamente? Então senhores Amoroso Lima e Sobral Pinto? Bem diferente era a atitude dos primitivos cristãos! E

ralidades que ele legaliza e torna monopólio seu, exclusivo.

"O Estado, disse Nietzsche, é a imoral organizada", por dentro com a força armada e códigos, em favor sempre de um corrilho explorador do homem, extorquidor de impostos, taxas e multas e, por fora, com guerras, matanças, incêndios, devastações, assaltos, conquistas e vinganças.

Se quisermos libertar a vida, temos de destruir a moral mentirosa do Estado.

E a moral da Igreja? qual será?

Acima dos portais das igrejas devia estar escrito este título: "Túmulo de Deus." Para todo espírito independente, está claro, o papismo enterrou Deus (embora eu, pessoalmente, nele não creia). Por isso, não querem os papistas que se fale nessas coisas. Se alguém tenta discutir, logo interrompem: "Psiu! mais respeito por favor! Fale mais baixo, que ninguém ouça. Não fale tão alto; sobretudo, não fale tão claro!" Eles bem sabem o que seria uma análise de sua moral com palavras bem claras. O Santo Padre com seus padres são como alguém que, havendo envenenado a mulher, se opõe à autópsia alegando ser sagrado o cadáver.

E' evidente, para todo mundo, que o procedimento da Igreja está em contradição flagrante com a doutrina do seu suposto fundador. Os advogados do Deus católico defendem a moral do Estado, batizam e desbatizam o mal em bem e viceversa, conforme Pluto sugere. O homem de igreja ou nasceu cego ou é um patife intelectual.

A guerra, para eles, é forma lícita de matar o vizinho. Tem na boca a palavra Deus envolta em saliva envenenada que dizem: "Amarás-teus irmãos!", no entanto atacam as armas assassinas e rezam pela vitória. Para o povo que a Igreja atola na miséria, servem-se da frase hipócrita: "Deus castiga os que ama", ou isto: "E' o princípio da justiça" apesar de ter dito esse mesmo Deus, o de Moisés, "Não matarás!"

Esses coveiros da consciência têm sempre na ponta da língua um lezinho de consolo como este: "Quando alguém te quiser roubar o manto, dá-lhe também o paletó". Traduzido em linguagem real, quer dizer: "Se um espertalhão te quiser furtar parte do fruto do teu trabalho, dá-lhe também o resto".

O fundador dessa religião esquecida proibiu o serviço militar, o juramento, a defesa, os tribunais, a distinção entre compatriotas e estrangeiros; em uma palavra: planejou a abolição do Estado. E que fez dessa doutrina a Igreja Católica? Submeteu-a a uma teocracia de ganância e ódio.

O Estado e a Igreja envenenaram a consciência do povo sabendo que a ignorância lhes assegura melhor o domínio que a força física. O indivíduo, narcotizado, sente essa moral como se fosse própria, sua; é-lhe difícil reconhecer em que alta escala lhe foram inoculados pensamentos e sentimentos falsos, deformantes, todos eles bem adequados ao problema da submissão às autoridades.

A imoral da Igreja e do Estado foi nos injetada e, inconscientemente, consideramo-la nossa; mas em nosso subconsciente, sentimos que não é nossa a tal moral, não é propriamente o que desejamos e sentimos. São ideais ócos; sufocam nosso eu e o substituem por um não eu.

tu, Carlos de Lacerda, que é feito da eterna vigilância?

Nós bem sabemos; a luta é árdua! Mas não é cingindo-se a aristocráticas sessões no confortável auditório da A.B.I., que ela se há-de levar a cabo!

Se havia movimento que, pelo prestígio dos seus militantes, podia trazer, pelo menos um arzinho de liberdade, era esse! Quando lá estivemos, gozando as delícias das confortáveis poltronas e climatizmo ameno de lugar de veraneio, criamos em que feis fazer, realmente, não a revolução socialista de vossos santos dominicanos, mas alguma coisa, pelo menos que podéis e urge fazer!

Será que, mais uma vez, propõe Leon Blum, um novo Comitê de Não Intervenção? Será que gorou o tão de cantado Movimento Renovador?

Se não gorou... com a palavra.

De Truman ao Papa

POR GRACO

Enquanto a humanidade jungide à Cruz de Ouro que lhe colocou sobre os ombros o capitalismo voraz e desumano, apoiado pelo clericalismo sedento de riqueza e privilégios, sobre o seu Calvário, Truman e o Papa do alto de seus tronos fazem advertências e pressagiam tempestades sobre este mundo inquieto e atormentado.

São sempre assim os detentores do poder; só prometem sangue, suor e lágrimas, e outra coisa não se pôde esperar de quem prepara em surdina hecatombes universais.

Através da imprensa burguesa foi amplamente divulgada a "dramática advertência ao Congresso Norte Americano" sobre o perigo do colapso econômico da "viga mestra" do capitalismo internacional.

A sociedade capitalista agoniza e tremendo abalos sofrerá o edifício carcomido e pôdre deste mundo em decomposição.

De quem a culpa?

Por certo não é do proletariado universal, essa bête de carga, que sob o chicote destes tres monstros o Estado, a Igreja e o Capital, sofre e trabalha para que uma minoria parasitária se divirta e goze.

A culpa é dos ricos e poderosos, mas os sacrifícios são exigidos cada vez mais dos pequenos e pobres.

E' Truman quem diz:

"A gravidade e a duração de tal estado de coisas, nestas circunstâncias, também não poderão ser avaliadas. Qualquer que seja seu caráter, se ocorrer a depressão, sacrifícios serão exigidos ao povo e o governo se envolverá em intervenções na vida econômica do país de uma forma muito

mais extensa do que as medidas que afóra se tornam necessárias para evitar o colapso".

O povo, o proletário, o eterno sacrificado ao Bezerro de Ouro!

Ouam agora a voz máxima dessa Grande Prostituta Universal, a Igreja Católica: o Papa.

Anuncia a rádio do Vaticano, que o Papa ao receber os representantes da nobreza papal (o grifo é nosso), que vieram apresentar-lhe felicitações pelo Ano Novo, referiu-se ao ano de 1848 como o "ano de provações árduas", pois os "interesses vitais da religião e do país estão em perigo".

E adiante:

"Que esta força espiritual, este espírito fraterno, guie vossos passos pelo caminho que percorrerdes neste ano, ano que parece incerto e fadado a terminar num fim sombrio".

Pudera! Quem semeia ventos,...

E na sua linguagem confusa, misticizadora e hipócrita, prossegue:

"Não há dúvida de que será para vós, não só um ano de árduas provações, como ao mesmo tempo de iluminação, dentro da felicidade espiritual, e de bênçãos triunfantes".

Não podia terminar sem arrogantes promessas de grandes vitórias. Mas, os tempos são outros e a verdade vence sempre.

Fazendo cóo com os capitalistas e o clero, o Jornal do Brasil, de 15-1-48, publica sob a epígrafe "A Igreja e o

Proletariado", o seguinte tópico, naturalmente escrito por algum jesuíta: "Sem discrepância, a palavra de ordem da Igreja tem sido sempre a favor do proletariado".

Que cinismo revoltante!

Após mencionar as sebetas encíclicas Rerum Novarum e Quadragesimo Ano, cita um trecho da mensagem do Cardeal Arcebispo de Paris, dirigida aos seus diocesanos, que diz:

"Os operários estão tristes e desesperançados. A Igreja sabe-o e se comove, pois tudo aquilo que afeta a vida de seus filhos, atinge-a em seu corpo místico. E não se resigna com as condições do proletariado, que considera a vergonha deste século".

Basta de hipocrisia! Que a Igreja sabe de tudo isto, sabemos nós, os anarquistas, porém que ela se comovia diante da miséria do povo edos trabalhadores... talvez os Togliatis acreditem.

Vergonha dêste século é ainda existir um Papa e uma internacional negra espalhando o erro e a mentira, pisando e sugando a carne e o sangue do "corpo dos trabalhadores" que não é "místico", é de carne e osso, humano, portanto.

Continua o escriba do referido jornal, comentando o cardeal:

"Tais palavras encerram formidável libelo que cai, como um laheu, na consciência dos responsáveis pelos destinos da humanidade."

Deveria cair na consciência de quem escreve tamanhas sandices.

Finalizando, o cardeal Suhard solicita o apoio dos poderes competentes para resolver os problemas operários, e aponta um caminho para a humanidade: a marcha para a Estrêla.

Senão vejamos, textualmente:

"Cristo redimiu o mundo. Nesta santa festa, recordemos que só há um caminho para a humanidade: a marcha para a Estrêla, a marcha até a manjedoura do Menino Deus".

Pois sim, cardeal! Os trabalhadores não acreditam mais em marchas para as Estrêlas, para o Oeste, etc. etc.. Eles sabem que sua emancipação é obra deles mesmos, e que terão de marchar unidos em direção aos celeiros deste mundo, pela ação direta, e nunca em direção a manjedouras...

Ha mil e oitocentos anos que envenenais as consciências e mentis ao mundo.

Mas hoje que o povo e o proletariado tem sede de justiça e de saber, não podeis ocultar a verdade, pois no mesmo jornal em que lemos tantas notícias falsas e capciosas, também lemos isto:

"Assembleia Nacional. Dispensas de taxas postais para o decano do corpo diplomático.

Depois disso o presidente anuncia um terceiro requerimento de preferência, de autoria do padre

Arruda Câmara, para o projeto 1072, que isenta de taxas postais e telegráficas a correspondência do decano do Corpo Diplomático, que é o Núncio Apostólico, tendo pareceres favoráveis das comissões de Diplomacia e Finanças. Rebelam-se contra o pedido de preferência os srs. Guaraci Silveira, Campos Vergal e Pedro Pomar. O requerimento é porém aprovado, bem como o projeto. Depois que isso aconteceu e quando já se cogitava do projeto 914-A, também em regime de preferência, o Sr. Pedro Câmara, pediu verificação de votação do projeto 1072.

Era, porém, muito tarde, pois a proposição já estava aprovada. Zangou-se o representante comum-pessadista, mas nada conseguiu com sua zanga e os seus arroubos de oratória".

Foi no entanto, pedida verificação de votação para o pedido de preferência do projeto 914-A, constatando-se a "falta de número".

E aí temos. Mesmo com falta de número, os privilégios que o clero ambiciona, são votados, ao passo que as leis em favor do povo e dos trabalhadores nunca veem à luz do dia. Para os proletários, a manjedoura e as estrêlas, para o clero e seus seqüizes todos os bens da terra.

E ainda ha quem acredite em leis, parlamentos, sufrágio universal e outras mistificações.

Eis como a Grande Prostituta Universal defende o seu "corpo místico"! Esmaguemos a infame!

A. I. T.

ASSOCIAÇÃO
INTERNACIONAL
DOS TRABALHADORES



O anarquismo através do mundo

NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DA RÚSSIA

Na chamada "Pátria do Proletariado" não existem, nem Socialismo, nem Democracia, nem Liberdade...

No Campo de Concentração de "Karaganda" morrem lentamente, vítimas da fome e dos maus tratos a que estão submetidos 40 republicanos espanhóis.

Um apelo à consciência universal.

A FEDERACION ESPAÑOLA DE DEPORTADOS E INTERNADOS POLÍTICOS, enviou-nos a seguinte nota de protesto que publicamos na íntegra sem fazer o menor comentário o qual deixamos ao critério dos nossos leitores.

Eis o teor da nota.

"Paris, dezembro de 1947"

Estimados companheiros do Brasil

Do inferno de "KARAGANDA" (U.R.S.S.) acabamos de receber o grito de angústia de 60 antifascistas espanhóis, que pelo simples fato de não serem comunistas e pertencerem aos partidos socialistas e republicanos da Espanha, permanecem internados desde 1941 nesse tético campo de Concentração.

A notícia da terrível situação em que se encontram esses compatriotas chegou a nós por intermédio de um checoslovaco, que conseguindo escapar daquele inferno procurou os elementos antifascistas espanhóis na França.

Anteriormente tivemos notícias dos nossos camaradas por intermédio de madame X e Francisco Bornet, ambos de nacionalidade francesa, que em virtude de uma intervenção enérgica do Governo Francês, foram postos em liberdade, após 5 anos de prisão.

O evadido checoslovaco, com provas irrefutáveis, entre elas cartas dos próprios prisioneiros, informou o nosso comitê, que durante o inverno de 1947, um dos mais terribes dos últimos anos, morreram por não poderem resistir o frio intenso, já que não dispunham de agasalhos, e estavam debilitados pela falta de alimentação, 20 dos 60 republicanos espanhóis ali internados. afirmou igualmente, que se não for conseguida a sua rápida libertação, os restantes 40 não poderão resistir um novo inverno.

É fácil compreender que isto aconteça, pois, há 6 anos que sofrem as maiores torturas físicas e morais, triste recompensa pelo heroísmo e abnegação com que lutaram contra as hordas Franco-falangistas, em defesa da liberdade humana, essa liberdade que tanto invocam os homens da U.R.S.S...

Nossa Federação, sem perder um minuto, iniciou os seus trabalhos para conseguir o apoio internacional a favor dos desventurados prisioneiros.

Para tal fim, escrevemos ao sr. Molotov, Ministro das Relações Exteriores da U.R.S.S. e a Cruz Vermelha Internacional de Genebra, unindo às nossas cartas, cópia de um documento firmado por um dos prisioneiros de nome Romero Carreras, natural de Orense (Galícia).

Unimos também à nossa nota de protesto, documentos fotográficos que provem a veracidade da informação, e de tudo isto, além de Molotov e a Cruz Vermelha Internacional, foram informados os srs. Bidault, Ministro do Exterior da França e o Ministro da Suíça na França.

Cumpramos declarar, para que o mundo verifique como é cruel o método pôsto em prática contra estes antifascistas espanhóis, que a maioria dos pilotos da aviação republicana e marinheiros dos navios de guerra e mercantes, que ao terminar a guerra com o triunfo de Franco fugiram para a Rússia na esperança de encontrar refúgio e solidariedade.

Os nomes das vítimas

Por um documento do evadido checoslovaco conseguimos saber os nomes dos republicanos espanhóis internados em "Karaganda". São os seguintes:

Pilotos de Aviação:

Vicente Montejano Moreno; Emilio Salud; Dorin Alm; José García Barcia; Pulgencio Buendia; José Calvo; Agustín Puch; Claudio Ramel; Pablo Villanueva; Felipe Pedrin; Hormogues Rodriguez; Ramon Beltran; Francisco Aliaga; Miguel Velasco; Quintín Rodriguez; Arturo Prieto; Antonio Marquez; Adolfo Puig; José Romero; José Segura; Eusebio Pons e Ricardo Allego.

Marinheiros de guerra e mercantes

Agustín Llonas; Pedro Augusto; Juan Gamez; José Colomina; Pedro Llopert; Ramon Sanchez; José Santa Maria Garcia; José Castañeda; Manuel Tejero; Victor Rodriguez; Manuel Castaneda; Pedro Cornese; José Perez e Juan Leira.

Elementos Civis

Juan Bota, Doutor em medicina, com clínica em Madrid, e os enfermeiros Antonio Echaurria e Luiz Serrano.

Total ... 40

Assim como Ação Direta tem protestado contra a tirania que faz vítimas aos comunistas, assim também Ação Direta protesta contra a tirania comunista que faz vítimas aos que discordam dos seus princípios.

Não afirmem depois os que defendem o sistema em vigor na Rússia, que os 40 espanhóis internados em "Karaganda", são elementos fascistas, pois como prova a nota que publicamos, são autênticos republicanos que lutaram na aviação e na marinha republicana, contra as hordas de Franco e Falange, e o seu crime é justamente esse, o de serem republicanos, como outros são socialistas e anarquistas e o de não aceitarem as teorias soviéticas.

TERROR NA BULGÁRIA

Os companheiros da Bulgária secundados eficientemente pelo secretariado e subsecretariado da A.I.T. fazem gigantescos esforços para porer a salvo do terror vermelho, os militantes que correm mais perigo.

Pôde chegar à Grécia o terceiro dos companheiros comprometidos que se vêm procurando salvar.

Trabalha-se por situá-los em países relativamente livres.

Foi e será sempre em cruzadas como esta grande auxílio, os envios de 30.000 e de 3.379 francos efetuados respectivamente pelos libertários espanhóis da África do Norte e do Panamá.

O rasgo solidário dos citados núcleos são muito dignos de apreço. Esperamos seja imitado.

Os recursos arrecadados para os companheiros búlgaros podem ser enviados à Comissão Intercontinental do M.L.E. (B. Santamaria, C.I., e Rue Belfort, Toulouse) (Hta. Gne), que cuidará de retransmiti-los ao Secretário e Sub-secretário da A.I.T.

"Sermões da Montanha"

Acaba de ser reeditado no Brasil este livro de combate à superstição religiosa.

Esta obra, que pela primeira vez agora se publica no Brasil, em edição autorizada pelo autor, e, em breve, aparecerá em todo o mundo, no idioma da pátria planetária, o esperanto, tem uma história que merece ser contada.

Ha cinquenta anos, um jovem preparava-se para sair, dali a meses, do Seminário de Coimbra, sacerdote da Santa Madre Igreja, quando a dúvida fecundante, insinuando-se, por meio de alguns livros incluídos no Index, através das grades daquela casa-mata da fé, lhe penetrou o espírito. Essa dúvida, abalando-lhe o edifício da crença em um Deus idiota, conduzia-o, pouco depois, aos pórticos de uma nova fé: a fé no Homem, a fé do Povo, a fé na Vida Livre, numa vida livre, à margem dos dogmas e das imposturas dos fariseus de roupeta.

Tomaz da Fonseca (assim se chamava o jovem de quem vos falo) deliberou então imitar o protagonista do famoso romance de Zola, "Paris", que acabava de ler; seguiria a carreira eclesiástica, seria bispo e, um dia, do alto do púlpito de uma Catedral imponente, ante o espanto geral dos clérigos e das beatas, rasgaria os hábitos talares, cuspiria na hóstia sagrada, blasfemaria de Jeová, numa frase, abjuraria da religião, que à tração lhe fôra inoculada no cérebro obscuro de bisonho aldeão.

Antes, porém, de executar o seu plano, resolveu submetê-lo à apreciação de Eliseu Reclus — o maior geógrafo de todos os tempos e um dos maiores santos do anarquismo. Escreveu-lhe. O sábio rebelde respondeu-lhe imediatamente, de França, com a sua luminosa coerência de sempre, com essa coerente lealdade aos princípios, deante da qual se vergaram os mais fanáticos adversários da sua doutrina, que o condenaram à morte pela sua participação na Comunidade de Paris, coerência e lealdade que nem os hipócritas jesuítas, nem os seus modernos discípulos, os comunistas moscovitários, jamais compreenderão: "Meu irmão, se, como dizes, perdeste a fé na Igreja Católica e acabas de abraçar uma nova crença, porque hesitas em tomar a única atitude digna de um homem que sabe compreender e praticar os seus deveres de lealdade para consigo mesmo e para com os seus semelhantes? Abandona imediatamente o Seminário e vai pregar ao povo dos campos e das cidades a tua nova fé, a tua e minha verdade! Permanecer nas hóstias da Igreja, um dia mais, seria próprio só de um hipócrita, ou de um covarde, e eu não quero fazer-te a ofensa de tal te considerar. Rasga, pois, imediatamente, a batina, e parte a iluminar a consciência do povo escravizado!"

Tomaz da Fonseca seguiu o conselho do grande sociólogo: uma noite, fugiu do Seminário, por meio de uma escada de corda por ele próprio pacientemente enfiada, e aí vai ele, por montes e vales, perseguido pela Polícia (naqueles ominosos tempos da monarquia, em que o Estado vivia, em Portugal, como novamente hoje, amanechado com a Igreja Romana, era proibido fugir de um Seminário), faminto e roto, pregando o Evangelho da libertação humana. Convencido de que o maior estorvo à emancipação dos povos têm sido as religiões — todas as religiões! — não mais, desde então, Tomaz da Fonseca deixou, um só momento, de disparar as setas da sua crítica impiedosa contra as mentiras religiosas e, com particular sanha, contra o negro e mais terrível bastião do fanatismo e da intolerância contemporânea: a Igreja Católica, em cujos seios malditos se gerou e nutre o fascismo. O primeiro livro de Tomaz da Fonseca, que tão grande êxito literário alcançou em Portugal, intitulase "Evangelho de um Seminarista". Nêle o autor reproduz em fac-símile a carta de Eliseu Reclus e descreve-nos as peripécias da sua rocambolesca fuga do Seminário de Coimbra e a aventurosa vida que, por algum tempo, levou, por montes e vales pregando ao povo humilde das aldeias a insurreição contra o Deus das Igrejas. A presente obra é como que uma coletânea das palestras que então proferiu aos camponeses. A êste outros livros, conferências e artigos de jornais se seguiram, sempre com o mesmo alvo: desmascarar o Tartufo clerical, ou, como dizia Voltaire, "écraser l'infâme". Esta, porém, é, no gênero, das suas obras, tôdas elas faiscantes de ironias contra a superstição religiosa, aquela que maior êxito alcançou, tendo a honra de ser traduzida em grande número de línguas.

Menos feliz que o Brasil, que logrou regressar ao regime democrático, de liberdade de imprensa e de crítica, continua o pobre Portugal gemendo nas torvas geenas do regime fascista, impedida a sua juventude de pensar fora dos cânones eclesiásticos. Lá, como aqui sucedeu, durante o consulado de quinze anos, que ha pouco se extinguiu, ha um ditador, António de Oliveira Salazar, mas, como aqui, com o depósito ditador, quem na realidade governa, puxando, por detrás do tablado onde se representa a porca farsa da "democracia orgânica" (assim chama agora Salazar ao seu regime de rola), os cordelinhos que movem o fantoche da tirania — é o jesuíta. Porisso um livro como este não pode ser lá reeditado. Por muito menos, apenas porque não continha uma referência elogiosa ao ditador de Santa Comba Dão (esse misógino frade sem batina, que tem nas veias a girar-lhe, em vez de sangue, água benta das sacristias, e, no lugar santo da virilidade, uma vela de cera), nem uma oração à Senhora de Fátima (essa rendosíssima fonte da credulidade pública, onde Tartufo clerical enche o seu barril), foi a minha última obra. "O Meu Livro" (trabalho sem finalidade política nem religiosa, mas exclusivamente de intuitos médico-pedagógicos, julgado como tal de interesse público pelo benemérito Instituto Pasteur de Lisboa, que lhe subsidiou a edição) confiscado por ordem da Real Mesa Censória salazarista. Idêntico destino teve, entre muitos outros, também a "História de Portugal", trabalho de profunda erudição e de notável senso de interpretação histórica, da autoria de António Sérgio, um dos mais brilhantes espíritos do mundo intelectual contemporâneo. Em Portugal continuam amordaçada a Imprensa e encerradas as lojas maçônicas e espíritas e os centros esperantistas e perseguido tudo quanto não goza da bênção da Igreja.

Esta é a terceira edição legal (isto é, autorizada pelo autor) dos "Sermões da Montanha", e a primeira, também legal, publicada no Brasil. Digo legal, porque, à margem da lei que garante os direitos autorais, já aqui apareceram, pelo menos, que nós sabemos, três outras edições, todas sem menção de autor, mais ou menos mutiladas e com o título modificado. Uma delas apresentava-se com o nome de "Sermões da Montanha", e a última surgiu, ha cerca de um ano, com o título "História tétrica (irrefutável) do Catolicismo", ostentando na capa o nome de um tal sr. Eduardo Ferreira de Oliveira, que mutilou a obra, reduzindo-a a menos de 200 páginas. Segundo nos declarou o próprio editor da metamorfoseada obra de Tomaz da Fonseca, essa edição, de vários milhares de exemplares, esgotou-se rapidamente, em poucos meses, sendo de notar que os melhores clientes foram os próprios padres.

(Do prefácio dos editores à edição brasileira).

Roberto das Neves

Por um Sindicalismo Revolucionário

— PLURALIDADE E AUTONOMIA —

Por QUETZAL

Ao tratar do tema pluralidade e autonomia sindical, procurarei ser o mais claro possível; é que muitos dos adversários da pluralidade sindical emburalharam de tal forma a questão, que se fala com frequência do tema e, em vez de trazerem luzes sobre tão escabroso assunto, ele se confunde mais ainda.

Para muitos dos defensores do "sindicato único" pode haver autonomia ao mesmo tempo que se proíbe o proletariado de organizar-se livremente, "obrigando o trabalhador a aceitar um único tipo de organização. Ora, não pode haver maior contradição do que a de querer moldar as organizações sindicais dentro de uma só estrutura e advogar-se por leis que proíbem a pluralidade sindical, e logo, gritar-se enfaticamente que os sindicatos devem ser livres e autônomos (caso típico é o Partido Comunista que na constituinte combateu a pluralidade). A liberdade e a autonomia das organizações sindicais têm como "base" a realidade e a autonomia individual. Sem esta não pode haver autonomia e muito menos liberdade sindical. Devemos procurar compreender que todos os problemas sociais partem do simples ao composto; no caso sindical, do indivíduo à organização, e se se obriga o trabalhador a pertencer a tal ou qual organização ou se se proíbe que os operários se organizem como e onde desejem, não se pode falar de liberdade nem de autonomia. Em realidade é impossível conceber-se que uma organização seja livre e autônoma se seus componentes não o são. Entretanto por mais contraditório que pareça, em nosso país a maioria dos militantes que lutam pela liberdade e autonomia das organizações obreiras defendem o sindicato único e combatem a pluralidade sindical. É que na realidade ou não sabem nada de organização ou o que é mais provável não desejam a liberdade e a autonomia que dizem defender. Para defenderem a superioridade do sistema "único" usam uma série de argumentos já gastos que não convencem. Dizem entre outras coisas que o sindicato único de uma mesma especialidade fortalece a classe e facilita a luta pelas reivindicações. Se fosse certo tal argumento, o proletariado deste país deveria ter um nível de vida mais elevado do que possui e deveria ser capaz de impedir a reação político-social; e o que observamos é justamente o contrário — um proletariado famélico e dócil às manobras dos que governam o país. Ao contrário, nos países em que as organizações sindicais se multiplicam de acordo com os sentimentos e convicções do proletariado, é onde o nível de vida é superior e a reação político-estatal encontra uma resistência mais firme.

Quando defendemos a pluralidade temos em conta que para as organizações poderem desenvolver-se livremente sem interferência do Estado ou de partidos políticos que desejam dominar as organizações do proletariado para especular com a força organizada da classe trabalhadora. E porque sabemos que só com a pluralidade se pode defender a independência sindical, sabemos que o Estado moderno procura apoiar-se nas organizações da classe trabalhadora, pois os déspotas modernos desejam ter sempre "uma massa" pronta a servir de marionetes para justificar sua política nacional. E por intermédio de departamentos especializados procuram controlar as organizações obreiras como no nosso caso o Ministério do Trabalho. Ora, a existência de um único organismo de classe facilita o controle de todo o movimento obreiro. Se existir porém a pluralidade o Ministério que fique com os seus sindicatos; para os trabalhadores que não estiverem de acordo com tal sistema existe a possibilidade de organizar novos sindicatos de oposição e desta forma, separado o joio do trigo, se irá criando no proletariado uma verdadeira consciência de classe. Alegam ainda os defensores da organização única que se existir mais de um sindicato da mesma especialidade cria-se uma confusão e não se sabe qual na realidade representa os trabalhadores. Este argumento não resiste a uma análise serena e menos ainda ao confronto com a realidade vivida nos meios obreiros internacionais.

Para ilustrar o leitor e demonstrar com um fato real a falsidade de tal argumento, exporemos ainda que sinteticamente a greve dos obreiros portuários em Buenos Aires em princípio de 1946. Para começar diremos que no Porto de Buenos Aires existem quatro sindicatos que são os seguintes: **Sociedade de Resistência**, Obreiros do Porto da Capital, aderido à Federação Obreira Regional Argentina (F.O.R.A.) de orientação anarquista; **Sindicato Unidos do Porto**, dirigido pelos comunistas; **Sindicato de Diques e Dársenas**, organização de carneiros mantida pela patronal; e finalmente **Sindicato Único Portuários e Afins** (S.U.P.A.), reconhecido pela Secretaria de Trabalho e Previdência, e de orientação peronista.

Como podemos verificar se tivesse validade o argumento de que trabalhadores e patrões em caso de conflito não saberiam qual sindicato representa aos trabalhadores, os portuários portenhos se en-

contrariam no caso citado. Entretanto tal fator não ocorre; senão vejamos — Devido ao aumento quase que fantástico do custo de vida, a Sociedade de Resistência F.O.R.A. resolve em assembléia iniciar uma campanha para elevar o salário dos portuários de 10 pesos para 13 pesos e ao mesmo tempo reivindicar a diminuição na jornada de trabalhos considerados insalubres, para quatro horas em dois turnos de duas horas cada e dezessete pesos na carga e descarga do tanino. Procurando confundir os portuários, os comunistas convocaram uma assembléia de seus filiados e procurando apoderar-se da direção do movimento apresentaram uma proposta ao patronal de 12 pesos e 50 centavos adicionais como abono. É que Peron em sua política de promessas demagógicas dissera anteriormente que iria lançar um decreto obrigando a classe patronal a pagar todos os fins de ano um abono, e para os trabalhadores do porto se estabeleceria a modalidade de 50 centavos adicionais diários.

Os stalinistas em sua ansia de fazer fracassar o movimento auspiciado pela F.O.R.A., julgaram que seria mais fácil conquistar 12 pesos e 50 centavos do que 13 pesos em carga geral, 17 pesos no tanino e redução para quatro horas das jornadas insalubres que pleiteava a F.O.R.A. Ademais em sua política de desdobramento não estariam frente a frente a Peron pois os 50 centavos pediam como abono, e é ante essa situação que SUPA organização peronista procura tirar proveito e com o apoio da Secretaria do Trabalho lança um manifesto declarando a greve para dois dias antes do fixado pela F.O.R.A. Apesar do apoio da Polícia Marítima não conseguiram sequer paralisar 5% dos trabalhadores portuários. No dia seguinte bolches declaram a greve e o efeito se faz em sentido contrário. Os do sindicato peronista e alguns obreiros desprevenidos, ao ver que a F.O.R.A. ainda não havia declarado a greve, voltaram ao trabalho. E no dia fixado pela Sociedade de Resistência Obreiros do Porto, F.O.R.A., a greve se fez unânime. Enquanto isso o Sindicato de Diques e Dársenas procurava por todos os meios ao seu alcance recrutar carneiros para furar a greve. Não conseguiu entretanto realizar seus intentos. Quinze dias durou o conflito, e todas as tentativas para frustrar a greve foram inúteis. A Secretaria de Trabalho e Previdência obrigou os patrões a assinarem o convênio com a SUPA ao mesmo tempo que declarava que o conflito sustentado pela F.O.R.A. era ilegal. A polícia deteve vários militantes foristas; porém ao darem a volta ao trabalho souberam que nem sequer os filiados a sua organização foram trabalhar. Ante essa situação os patrões procurados pelos comunistas prometeram assinar o convênio com eles caso fossem capazes de convencer os trabalhadores de voltarem ao trabalho. Na assembléia realizada no salão José Verdi, convocada pelos comunistas, a imensa maioria exigiu que só voltariam ao trabalho depois que a F.O.R.A. desse a sua última palavra. É necessário dizer que nessa assembléia os stalinistas gastaram toda a sua "dialética" procurando convencer os trabalhadores que deveriam voltar ao trabalho. No dia seguinte, realiza-se a assembléia promovida pela F.O.R.A., onde se manteve firme o petítorio inicial. O secretário do sindicato comunista que se encontrava presente arguiu que a patronal aceitava os 12 pesos e 50 centavos pedidos por sua organização e que os trabalhadores deviam aceitar pois já fazia 13 dias de greve e os 12 e 50 eram um enorme triunfo para os portuários. Ademais se corria o risco se continuasse o conflito de perder-se tudo, já que o petítorio da F.O.R.A. era inaceitável pela patronal. Porém a assembléia em peso resolve continuar a greve. E ante a firmeza da organização forista aos 15 dias de conflito capitulou a patronal aceitando integralmente o petítorio. E a F.O.R.A. dava volta ao trabalho. No dia seguinte, ao voltar ao trabalho, encontram-se os trabalhadores com mais uma manobra peronista. Depois de terem dado a volta ao trabalho e haverem fracassado, lançaram um novo manifesto dizendo aos trabalhadores que haviam sido atraídos, "e que a greve deveria continuar até que Peron decretasse o estatuto portuário". Os trabalhadores mandaram os peronistas plantar favas e iniciaram o trabalho conscientes de haverem conquistado um dos triunfos mais autênticos.

Como podemos verificar, a pluralidade sindical não impedia que os trabalhadores de Buenos Aires soubessem qual era a organização que os representava. Ao contrário, como dissemos acima, separado o joio do trigo, ficou mais uma vez bem claro qual organização representa na realidade as aspirações dos portuários portenhos.

Queremos deixar bem patente que a pluralidade sindical só não a desejamos os que aspiram a viver das rendas dos sindicatos ou os que pretendem organizar um Estado de tipo totalitário como Mussolini, Salazar, Hitler, Franco, Vargas, Stálin ou Prestes, ou como no Brasil que dizem existir democracia, porém o que existe é Durocracia.

Instaurada no Rio A "Laborista Esperantista Associa"



UNI-VOS PELO ESPERANTO!

exclusivamente cultural ao serviço dos trabalhadores do esperantismo, notável escritor esperantista e fundador da Associação Mundial dos Esperantistas Operários (S.A.T.), recentemente falecido no México, onde se exilava para fugir às perseguições dos nazistas.

Foi deliberado também encarregar da elaboração dos estatutos uma comissão composta dos esperantistas drs. Brás Cosenza, Alberto da Cruz Bonfim e Oscar Noronha Filho, Carlos Paternostro, Cedilha Cosenza, Maria Angélica de Oliveira, Josefo Joels, Celso Rosa, Antônio José Vaz, Américo Poli e Joaquim Gonçalves, que regeirão a associação provisoriamente. A sede provisória desta fica sendo na rua do México, 98, 7.º, sala 706, onde se realizarão sessões culturais, todas as quintas-feiras, às 19,30. No próximo dia 29, àquela hora, fará ali o esperantista alemão anti-nazista Leo Brieger uma palestra pública na língua mundial com o título "O problema da Palestina encarado por um antinacionalista". Haverá debates. O orador da quinta-feira imediata será o prof. Roberto das Neves, que falará também em esperanto sobre "A vida fecunda de Lanti, cidadão do Universo".

Brevemente aparecerá um jornal em esperanto, órgão do movimento esperantista operário no Brasil, intitulado "Mondocivitano".

Na sede da Laborista Esperantista Associa "Lanti", encontra-se aberta a inscrição para um curso gratuito de esperanto para trabalhadores e estudantes, de acordo com o "Petro", o mais moderno e mais pedagógico método. O referido curso começará no dia 16, segunda-feira, e realizar-se-á as segundas, quartas e sextas-feiras, das 20 às 21, sob a regência do prof. Roberto das Neves.

"Eterna Vigilância"

Com a Rádio Patrulha, acaba de reforçar-se a "Eterna Vigilância" da reação.

Nesse passo chegaremos a um dia em que cada trabalhador intelectual ou manual terá de trabalhar para sustentar dois homens: a si mesmo e a um policial que lhe meterá o chanfalo, sempre que manifestar qualquer pretensão de liberdade!

Contudo continuarão os assaltos a indivíduos em plena via pública, roubos e crimes de toda a sorte. Continuarão as criaturas queixosas a voltar de muitos distritos policiais, sem nada terem conseguido, porque o delegado ou comissário alega dispor apenas de um praça de serviço e esse não se pode afastar dali.

E' que toda essa força não se cria para proteger pacatas criaturas que vivem honestamente do trabalho diário. Ela existe para sustentar o Estado e para impor a toda uma classe produtora, a vontade da classe que tem a seu serviço, esse mesmo Estado.

E' por isso que, aparecendo logo toda essa força onde quer que haja protestos contra a exploração, contra o descaso ao povo ou contra os abusos do poder, não aparece para obrigar aqueles que criminosamente queimam em abundância, toda a espécie de produtos ou os retém, para poder manter ou impor o preço que avaramente concebe a suas desmedida ganância.

E se uma vez ou outra parece dar-se o contrário, é que é preciso fazer crer em que ela existe mesmo para segurança pública.

"Ação Direta" e o balancete

Alguns companheiros têm estranhado que, acusando sempre o nosso balancete um saldo, não consiga Ação Direta sair com a devida regularidade.

Se bem que, como havemos já publicado algumas vezes, essa anormalidade venha sendo causada por razões atinentes à oficina em que ela vem sendo publicada, com o saldo sempre acusado, não poderíamos tirar o número subsequente, porque, ficando ele muito aquém de Cr\$ 1.500,00, não daria para pagar os Cr\$ 2.300,00 que é por quanto nos sai da oficina o nosso jornal, não contando as despesas de clichês, de transporte e de expedição para o interior e para o exterior.

Pedimos aos companheiros que se não deixem levar pelo saldo acusado, mas sim que reparem em que ele jamais chega para o número seguinte.

Precisamos, no mínimo, de Cr\$ 5.000,00 para podermos tirar "Ação Direta", duas vezes por mês.

E isso, companheiros, se de todo em todo não fôr possível ver se conseguimos novos contribuintes, pois que Ação Direta já se vai fazendo muito procurada, esgotando-se mesmo nas bancas, sem que possa atender a todos os leitores que a tem procurado.

Companheiros, tiremos os olhos do saldo e os voltemos para um movimento que tenha por fim aumentar o número de contribuintes.

Calendario de S.I.A.

(Solidaridad Internacional Antifascista.)

Em benefício dos mártires da resistencia espanhola — Com efeméride dos grandes vultos do pensamento humano e uma história completa dos calendários desde os tempos romanos.

Cr\$ 11,00.

UNIVERSO

Revista de Sociologia, ciencia e arte. Escrita em três idiomas. Espanhol, frances e italiano.

Preço, Cr\$ 7,00.

Pedidos ao Administrador de Ação Direta.

LIVROS NOSSOS



"Em volta de uma vida" — Kropotkine

Cr\$ 40,00

"Ideias absolutistas no socialismo" —

Roberto das Neves — Cr\$ 18,00

"Curso Completo (Elementar, Médio e Superior) de Esperanto" — Roberto das Neves — permitindo o aprendizado sem mestre, em três meses, do idioma universal — Cr\$ 50,00.

A venda nesta Redação. Juntar mais 10% para despesas de correio.

"O Anarquismo ao alcance de todos", de

José Oiticica, Cr\$ 12,00.

EM BREVE APARECERÁ:

"Sermões da Montanha", de Tomás da Fonseca

EM CASTELHANO

El Intelecto Helenico

História da Cultura Grega

A Poesia

A Arte Dramática

A Filosofia

Do grande pensador e historiador catalam Pompeyo Gener — Escrito durante o reinado Borbônico; o autor o fez editar na França pois foi proibida a publicação das obras de Gener na Espanha.

Preço, Cr\$ 24,00.

LA BOMBA

De Franck Harris — A mais completa história da Tragedia de Chicago que deu origem ao Primeiro de Maio.

Livro de 300 paginas, Cr\$ 24,00.

El Aparecido

Pequeno folheto do conhecido escritor libertário Felipe Alaiz. Uma página emocionante da resistencia francesa durante a guerra.

Cr\$ 4,00.

